

A DEUSA ÍSIS NAS METAMORFOSES DE APULEIO

Antonio Chelini

RESUMO: Para explicar por que o escritor latino Apuleio deu à sua obra máxima o título de *Asno de Ouro* (*Asinus Aureus*), o autor discute o papel exercido pela deusa Ísis nos rumos tomados por Lúcio, o protagonista principal, mostrando que, como outros livros da antiguidade greco-romana, o que se narra é uma busca, a qual culmina com a iniciação do jovem personagem nos mistérios da deusa egípcia, que lhe restitui a forma humana (Lúcio havia sido transformado em asno). Esse tema mítico-religioso é discutido através de numerosas referências ao panorama sócio-político e cultural da Roma cosmopolita do tempo de Apuleio, que havia importado e abrigado diversas divindades estrangeiras, como a própria Ísis, e agora as rejeitava, como tentativa de revitalizar o panteão tradicional.

Entre os autores latinos na África, Apuleio ocupa, sem dúvida, um lugar de destaque.

Nasceu em Madaura por volta de 125 de nossa era e morreu em Cartago, em 190. Era de família proveniente da Itália, tendo o pai exercido cargos importantes em Madaura e, ao morrer, deixado bela herança ao filho. Graças a tal herança, Apuleio teve oportunidade de viajar para Cartago, onde estudou. Depois foi para o Oriente, passando pela Grécia e pela Itália.

No Oriente esteve em contato com os cultos e mistérios que fascinavam os intelectuais. Na Grécia aperfeiçoou-se na língua grega, uma vez que já a sabia e começou o estudo da retórica. Voltou depois a Roma, onde, conforme ele mesmo diz: "empreendeu o estudo e adquiriu a prática do idioma dos Latinos, com grande sacrifício e esforço, sem nenhum professor para guiá-lo". (Apol. XXIV).

De volta a Madaura, dedicou-se à advocacia, fazendo sempre viagens para aperfeiçoar-se e pesquisar.

Em Ea, Trípoli, casou-se com rica viúva. Acusado por parentes da mulher, defendeu-se, apresentando a obra *Apologia*. Foi, depois, morar em Cartago, onde continuou sua vida de advogado e o estudo da retórica, da filosofia e da história natural.

Escreveu: *Flórida*, obra de retórica e filosofia, *O demônio de Sócrates* (*De deo Socratis*), *A doutrina de Platão* (*De Platone et eius dogmate*), *O Mundo* (*De Mundo*), *Apologia* (*Apuleius et de magia liber*) e, por fim, *Metamorfooses*, ou *O Asno de ouro* (*Metamorphoseon ou Asinus aureus*).

Alguns autores creditam-lhe também a obra *De herbarum virtutibus* (sobre as virtudes das ervas).

Flórida, como o próprio nome diz, é uma antologia em 4 volumes, onde se apresentam, sem o menor nexos lógico, notas, , textos, sentenças filosóficas, anedotas e curiosidades.

O tratado sobre *O Demônio de Sócrates* é uma compilação de obras platônicas misturadas com opiniões e considerações sobre os deuses, demônios e gênios, colhidas junto aos Caldeus. Essa obra mereceu refutação por parte de Santo Agostinho na obra *A cidade de Deus*.

A *Apologia* é uma obra improvisada em poucos dias e onde se misturam ironia, bom humor, eloquência e erudição. É a sua obra mais pessoal.

Metamorphoseon ou *O Asno de ouro*: célebre novela em que Lúcio, desejoso de transformar-se em pássaro, cai num grave erro, sofrendo, por isso, uma grande penitência.

Ele se dirige à Tessália a fins de negócios e, no caminho, encontrou dois outros viajantes. Com a justificativa de que uma boa conversa encurta o caminho, entrou na conversa com eles. Teve sua curiosidade aguçada, quando ouviu falar de mulheres que têm o poder de "abaixar o céu, manter a terra em suspensão, petrificar as fontes, dissolver as montanhas, tirar os espíritos do inferno, atingir as estrelas e iluminar o Tártaro".

Chegando a Hípata, hospedado na casa de um conhecido do pai, acabou sabendo que a esposa desse senhor é uma dessas feiticeiras. A empregada, Fótiis, moça muito bonita, foi encarregada de levar as bagagens de Lúcio até o quarto a ele destinado.

Em poucos dias ele ganha a confiança da moça e, num de desses encontros noturnos, consegue convencê-la a dar-lhe a pomada maravilhosa que o transformará em pássaro. Por engano, ele recebe outra pomada e, aplicando-a sobre o corpo, pouco a pouco, ele se transforma em asno.

A jovem tem a intenção de colher pétalas de rosa que devolveriam a Lúcio a forma humana, quando, à noite, a casa é assaltada e o asno levado pelos ladrões. Mais à frente, é raptada também uma jovem, muito bela. Uma velha escrava foi posta em companhia da moça. Para consolar a desesperada moça a escrava conta histórias, entre as quais a de Psique e Cupido que ocupa o final do IVº livro e os dois seguintes.

Depois de mil aventuras, ele consegue escapar e vai parar em *Cêncreas*, nas costas do mar Egeu. Nesta cidade, seguindo os conselhos da deusa Ísis que lhe aparece em sonho, ele consegue recuperar a forma humana, depois de comer as pétalas de rosa.

Há na obra passos delicados, outros muito livres, outros imorais.

Clouard, um dos que traduziram o *Asinus Aureus*, na introdução do seu trabalho diz que Apuleio representa um nome, uma obra e um mistério, pois o silêncio dos contemporâneos é absoluto a respeito do escritor africano.

O latim de Apuleio não é puro, não é correto, vício comum a todos os escritores africanos dessa época.

O estilo é rebuscado, retórico, não deixando de empregar, a propósito ou involuntariamente, os helenismos.

Ele gosta do efeito: não deixa as grandes tiradas, os ditos sentenciosos, além das descrições com muitos pormenores.

Apuleio foi um místico e, por isso, há sempre na sua obra o dualismo: artifício e religiosidade, sinceridade e dilentantismo, o que faz um paradoxo.

Somente a famosa história de Psique e Cupido daria, por si, renome ao escritor, nas palavras do já citado Clouard.

A RELIGIÃO DOS ROMANOS NO FIM DO PERÍODO REPUBLICANO

Em menos de 150 anos a religião romana tinha-se modificado bastante, não na estrutura formal, mas no substrato psicológico.

O fenômeno era natural: na Grécia as mesmas causas tinham provocado efeitos análogos. Um ritualismo bastante forçado provocara, em Roma, a reação das forças emotivas, principalmente por parte das mulheres, e o apelo aos ritos estrangeiros; o progresso do racionalismo, favorecendo a incredulidade nos meios cultos, não atinge o conjunto das superstições e magias, prontas a tomar a dianteira no primeiro momento oportuno; e, no caso de crise política ou social prolongada, essas energias, novas ou dominadas durante muito tempo, liberam-se e abalam, até as bases, até mesmo uma religião instalada há muito tempo no mecanismo do Estado.

Esse era o caso da religião em Roma. Os políticos vinham fazendo seus auspícios, os dos partidos, celebrando suas festas religiosas, mais para fins pessoais do que religiosos. O cônsul Bíbulo proclamava todas as manhãs sua *obnuntiatio* (o anúncio dos presságios), enquanto seu colega, César, não cuidava de nada disso; a renovação dos Jogos Sagrados, a prolongação das "súplicas" acabavam em proveito dos magistrados e procônsules. O longo pragmatismo que, por longo tempo, bem soubera respeitar a religião nacional, sem tirar proveito dela, agora a fazia escrava das paixões humanas. Por causa disso ela sofria, tanto mais quanto a simplicidade do campo e a gasta ideologia sobre os deuses e os ritos perdiam, incessantemente, terreno diante das atrações urbanas oferecidas pelo culto e pelo pensamento gregos.

E esta sensibilidade, em busca de reconfortos individuais, não se encontrava nos ritos oficiais a não ser recorrendo às esperanças de salvação que somente as religiões vindas do Oriente podiam ou iriam levar até Roma.

Essa deterioração geral não estava nem conjurada, nem afastada, nem era atenuada por uma política religiosa coerente.

A teologia artificial imaginada pelo grande pontífice, Múcio Cévola, bem sabia do que traziam a mitologia e a filosofia gregas, mas não tentava fundi-las com a tradição Romana. E, ainda mais, o que ele tentou foi somente no campo político. O valor dos sacerdotes diminuía cada vez mais perante o povo, depois que Sula elevou para 15 o número de pontífices, áugures e decênvros encarregados dos assuntos religiosos; esses sacerdotes tinham ainda um certo renome místico nos meios populares o que não acontecia com os Tícios (sacerdotes encarregados dos sacrifícios junto dos Sabinos), com os Irmãos Arvaes (grupo de 12 sacerdotes de Ceres) e com os Sálios (outro grupo de sacerdotes), que a incompreensão e o abandono tinham levado para o esquecimento. Os velhos valores mágicos pareciam um resíduo que pesava sobre todos.

A negligência também ou os compromissos políticos dos pontífices, por omissões ou acréscimos, desorganizaram por completo o calendário a ponto de César precisar acrescentar dias para reestabelecer a correspondência do ano com a trajetória do sol.

Muitas divindades da antiga Roma caíram no esquecimento, outras não serviam senão para a devoção de pequenos grupos. E o que era mais grave: alguns dos grandes deuses eram reivindicados por homens políticos ambiciosos como protetores de grupos ou de pessoas. Por exemplo, Vênus, deusa da boa sorte, serviu para esse papel sucessivamente em favor de Sula, de Pompeu, de César, com os nomes de Felix (da boa sorte), *Victrix* (a vencedora), *Genitrix* (a mãe), *Vindicatrix* (a vingadora), como na *Fedra* de Sêneca.

Trocando de atributos, ela lembrava o mundo lunar ou estelar, o maternal ou o militar, o cósmico ou o real.

Nessa decomposição do patrimônio religioso romano, era natural que religiões orientais, da Ásia Menor e do Egito, ganhassem terreno no mundo romano. Lentamente, é claro. Soldados e mercadores já as conheciam e praticavam, fosse em seus países de origem, fosse em Delos ou na Sicília, onde diversas religiões estrangeiras já estavam começando a implantar-se ou já estavam implantadas.

Os grandes portos da Itália as acolhiam e elas eram recebidas com segurança em certos meios romanos, onde respondiam, em parte, às inquietudes espirituais dos homens e mulheres a quem não mais satisfaziam as práticas religiosas nacionais.

Nessa matéria se vê que os pontífices e senadores não tiveram um sentimento nítido: no fundo, foram quase sempre reticentes ou, até, contraditórios.

Assim, o emprego das formas antigas, a pressão das novas necessidades afetivas, a flutuação da gestão pontifical não eram tais que certos espíritos, mesmo muito lúcidos, devessem renunciar à esperança de uma regeneração interna da religião nacional. O orgulho também de um domínio mundial impulsionava a uma reação contra os afluxos religiosos vindos de fora. Vemos até, com surpresa, um aristocrata, Ápio Claudio, crer no mais irracional dos auspícios e em todos os outros, a ponto de ser criticado por seu colega, Cícero, no desempenho do vaticínio, do augúrio. A reação tomou, sobretudo, a forma política.

No IIº livro de seu tratado sobre as leis (*De legibus*) Cícero formulou as prescrições religiosas permanentes do Estado Romano; Varrão compôs *Antiguidade das Coisas Humanas e Divinas* (*Antiquitates rerum nouarum et diuinarum*). É um balanço impressionante de tudo o que dizia respeito à religião e à vida e sob o qual viveram os últimos séculos da latinidade: somente que, em muitos desses casos, seu livro evocava práticas ou nomes divinos que já não diziam mais nada para os Romanos. Nem Cícero nem Varrão comprometiam, nessas obras, suas sensibilidades religiosas ou filosóficas pessoais, mas pensavam enfrentar razoavelmente o aspecto social e natural do problema.

Horácio, Vergílio e Tito Lívio, fosse pela poesia, fosse pela prosa, faziam-se profetas que reclamavam a volta à religião e aos bons costumes.

O comportamento tradicional (*mos maiorum*), os exemplos deixados pelos antepassados, as virtudes ou valores de simplicidade, pureza familiar, coragem, sobre os quais estava assentada a grandeza de Roma, vinham apresentados como corolários da restauração religiosa.

Por seu nacionalismo proclamado, a restauração religiosa de Augusto se declarava contra o progresso dos cultos provindos de fora, do Oriente, principalmente.

Se em 43 Otávio, Antonio e Lépido, triúnviros, decidiram construir um templo oficial a Ísis, deusa provinda do Egito, e agora, em 27/28, tem-se a proibição de qualquer capela particular às divindades egípcias ou orientais, podemos imaginar o contraste dos dois comportamentos.

Outro exemplo dessa contradição temos, lembrando que, quando o senado ordenou a derrubada dos templos de Ísis e de outras divindades estrangeiras, foi necessário, conforme narra Valério Máximo, que Emílio Probo desse os primeiros golpes para encorajar os trabalhadores para esse serviço, uma vez que eles estavam tomados de um temor supersticioso.

As razões políticas de oposição às influências egípcias foram claras, os pretextos de ordem pública, aceitáveis e o lado religioso, evidente: os deuses de Alexandria e seus mistérios eram temidos; foram tolerados com certa dificuldade até o século primeiro d.C., quando Tibério escolheu a ocasião para destruição de um templo e precipitação de uma estátua da deusa no Tibre. Se Augusto havia conclamado seus sucessores a zelarem pela religião de Roma, havia por parte dos sacerdotes e adeptos das deusas maior dedicação no restabelecimento dos cultos e reconstrução dos templos.

Não podemos deixar de ver na conclamação de Augusto um paradoxo: enquanto Roma era chamada a se fazer sempre mais cosmopolita e capital do Ocidente e Oriente, tentava-se cortar a tendência que, já havia alguns séculos, tinha feito a cidade acolhedora dos cultos provindos de fora e pretendia, agora, restringir esse culto ao círculo das divindades dos antepassados: como se o serviço a um deus estrangeiro fosse tão perigoso para o poder estabelecido como o ateísmo, a filosofia ou a prática da magia.

A ADOÇÃO DE OUTRAS RELIGIÕES: QUE DEUSES? DE ONDE VI- RAM? COMO FORAM RECEBIDOS?

Para não falar de Deméter de Elêusis e de Dionísio cujos mistérios e cultos vieram para Roma já bem antes, também da Grécia, falemos, agora, unicamente dos cultos de Cibele e de Ísis.

Eles respondiam às mesmas aspirações de salvação. O fiel que neles se alistava, que se comprometia perante os mesmos, era obrigado a cerimônias coletivas, conduzidas por sacerdotes autoritários. Era selecionado por uma iniciação individual rigorosa que o punha às ordens desses sacerdotes e ao serviço místico da divindade.

Grandes diferenças com os do Império Romano e da Grécia e que respondiam bem às novas necessidades, às vezes contraditórias das almas, marcavam esses cultos. Chegados a Roma sob forma mais ou menos helenizada, longe de acentuarem essa tendência, tomam no Império Romano um caráter nitidamente exótico: como para melhor proporem a seus fiéis o benefício das misteriosas sábedorias do Oriente. Em toda religião, em todos os meios, a singularidade de seus ritos distinguia os fiéis que, de uma ponta a outra do Império formavam comunidades de Ísis, de Cibele e de outros deuses, assegurando-se cada qual de uma graça de salvação e com cuja certeza ele somente contava no templo da divindade que o acolhera.

Roma não deixou de agir sobre as religiões que a invadiram, mas de modo irregular e sob aparências contraditórias: nesse cadinho desmesurado, com efeito, as contaminações, involuntárias, certamente, eram tão fatais quanto as oposições doutrinárias.

Os grupos religiosos, muitas vezes secretos, tinham sua razão de ser na sua própria singularidade. Os cultos orientais aceitos sob pressão de fiéis conscientes, viam mais vantagem em cortar de modo nítido os antigos cultos latinos: era a condição para o sucesso das mesmas. Mas, em sentido contrário, a proliferação dos lugares de reuniões exóticas, respondendo às aspirações espirituais e utilizando simbolismos análogos, não se fazia sem empréstimos recíprocos e diversas assimilações.

A reflexão metafísica dos latinos tornava-se tão frouxa que se preferia, muitas vezes, antes a confusão que a nitidez doutrinária. E se as religiões do Oriente influíam na religião de Roma, essas mesmas religiões seriam em seus países de origem influenciadas pela religião de Roma. Assim vemos o bétilo (pedra) de Cibele vindo informe para Roma, feito antropomorfo em Roma, recebendo a cabeça de uma mulher, sem perder o caráter oriental no seu culto. Em Palmira, em pleno deserto entre Mediterrâneo e Eufrates, os deuses puramente semíticos apresentam-se ora como Marte, ora como Ceres e, ainda, como o sol coroado e em seu carro. Na Síria as aparências romanas dos deuses predominam por volta do século IV; o tauróbulo, rito de aspersão com o sangue de um touro, vem do Oriente a Roma sem ser aceito na Grécia e no século IV volta a Atenas.

ÍISIS

Célebre divindade dos Egípcios, irmã e esposa de Osíris.

Desde o segundo século a.C., os deuses egípcios contavam admiradores em Roma, pricipalmente entre as populações cosmopolitas.

A princípio, as hostilidades do governo foram manifestas: em 58, 53, 50 e 48 a.C. o senado mandou fechar templos e destruir imagens e divindades orientais. Em 28 Augusto proibiu a construção de um templo. As proibições, renovadas por Agripa e Tibério, foram abolidas por Calígula. Em 18 construíram um templo a Ísis no campo de Marte. Sob os Antoninos e os Severos seu culto tomou incremento notável. De Roma passou para as províncias, mas sem grande aceitação.

O ritual de Ísis era mais completo que o de Cibele: compreendia duas partes, uma de manhã e outra à tarde.

Pela manhã o sacerdote reavivava o fogo sagrado, depois de ter retirado o manto que cobria a estátua da deusa. Fazia libações com água que dizia ser do Nilo. Tudo isso era feito ao som de cânticos, música de flauta e instrumentos de percussão. Essa música significava a presença benfeitora da deusa. As cerimônias, em ordem inversa, à tarde, deixavam as almas na espera do amanhã, prontas para as admoestações dos sonhos místicos.

O culto a Ísis tinha também seu calendário litúrgico dividindo o ano. As principais festas eram o *Nauigium Isidis*, a nave de Ísis, e a *Inuentio*, a descoberta de Osíris.

A primeira ocorria em 5 de março. Consistia de uma grande procissão fluvial que ia do Tibre até o mar. Os iniciados vestiam roupas brancas; os sacerdotes levavam uma urna com água do Nilo e a imagem da deusa, toda enfeitada.

A segunda, a do descobrimento do Osíris, marido de Ísis, realizava-se, em Roma, no início de outubro. Ele, diziam, tinha sido morto por Seth e seu corpo cortado em pedaços. Ísis os encontrou todos e Osíris foi ressuscitado, tendo sido transformado em protetor dos mortos. Sua comemoração anual passava do desespero lúnebre à mais completa alegria.

As cerimônias de Ísis tinham todas um caráter hermético e somente os iniciados as compreendiam bem. A admissão ao culto iniciava-se pela cerimônia da purificação, quando o sacerdote conduzia o iniciado a um lago próximo do templo e o aspergia, invocando os deuses. Reconduzido ao templo, ouvia os mandamentos que deveria observar: abster-se de carne, de vinho, guardar continência e silêncio. No fim do décimo dia, era conduzido a um lugar misterioso, escuro e escondido a que somente os sacerdotes tinham acesso. Subitamente a noite se iluminava com fulgores e visões maravilhosas. Depois, em trajes magníficos, era apresentado aos fiéis; trazia uma tocha na mão e uma coroa de palmas na cabeça. Vinham, em seguida, os banquetes, as danças, as festas, não faltando a licenciosidade característica dessas festas. Os adeptos de Ísis ganhavam, assim, a certeza de obter a salvação após a morte.

A religião de Ísis recrutava em todas as classes e não visava a elevação espiritual de um grande número; para a maior parte, abluções, gestos, fórmulas, períodos de continência, eram suficientes por si sós, sem compromisso verdadeiramente pessoal; a antiguidade das cerimônias encorajava as celebrações mecânicas, mas não se pode dizer que fosse uma religião esclerosada: sob seu aspecto imutável ela se deixava levar ao progresso geral da reflexão ética e da metafísica. Podemos ler no livro XII das *Metamorfoses* de Apuleio, no fim do século II, que a submissão aos ritos isíacos não fazia senão exaltar um fervor de união com a divindade, uma sensibilidade e confiança de surpreendente frescor de atualidade, pois a iniciação mística do eleito aparece aí mais ainda como apaziguamento de uma alma voltada agora ao serviço da divindade que remediava as inquietudes. Era a essas inquietudes, portanto, que respondia sobretudo, mas em graus bastante diferentes, a *religião* de ÍSIS.

CARACTERÍSTICAS DE ÍSIS

Antes de procurarmos, no livro das *Metamorfoses* de Apuleio, as virtudes e características de Ísis, vejamos o que os arquetólogos, i.e., os que estudam as virtudes de um ser, apontam dessa deusa, baseados em textos, em inscrições, não latinos, mas sobretudo egípcios.

1. Natureza:

1.1 Características essenciais:

1.1.1 senhora da terra,

1.1.2 inventora (com Hermes) das escritas hieroglífica e demótica (cur-siva dos egípcios),

1.1.3 instrutora das leis e dos mais antigos costumes.

1.2. Genealogia:

1.2.1. filha de Cronos,

1.2.2. irmã e mulher de Osíris (com quem deu os cereais aos homens),

1.2.3. mãe de Horos.

1.3. Culto:

1.3.1. festejada no dia 1º do ano,

1.3.2. adorada principalmente pelas mulheres,

1.3.3. senhora de Bubaste (cidade do baixo Egito).

2. Onipotência:

2.1. Comando do céu:

2.1.1. separa o céu e a terra,

- 2.1.2. fixa o percurso dos astros,
- 2.1.3. aloja-se nos raios solares e acompanha o sol.

2.2. Domínio dos elementos:

- 2.2.1. domina os raios, os ventos, os mares e rios, as chuvas,
- 2.2.2. faz surgir os continentes e as ilhas,
- 2.2.3. fixa seus lugares e limites.

3. Poder:

- 3.1. senhora da guerra e da paz,
- 3.2. todos cumprem suas ordens,
- 3.3. ela desfaz todas os embaraços,
- 3.4. vence o destino.

4. Ensinamentos:

- 4.1. ensinou aos homens a arte de fazer o pão, suprimindo a antropofagia,
- 4.2. ensinou a construção de casas e abandono das grutas,
- 4.3. ensinou os socorros: medicina, navegação, arte militar.

Enfim, ela é considerada a inventora e a instrutora da civilização sob três aspectos: moral, social e jurídico.

No texto das *Metamorfoses*, vamos ouvir, primeiramente, do próprio Lúcio e, depois, da deusa, as qualidades da mesma.

Na sua oração, Lúcio dirige-se à divindade empregando os seguintes termos:

Rainha do céu; Ceres – nutriz, mãe e criadora das colheitas, fazendo o homem deixar de comer bolotas de carvalho; Vênus que uniu os sexos, dando nascimento ao amor e continuidade ao gênero humano; socorro das mulheres que estão para dar à luz; claridade úmida que nutre as sementes fecundas (*met.* XI, 2).

Aparecendo a Lúcio, Ísis se apresenta com os mais diversos nomes. Ela mesma diz que é: mãe da natureza; senhora dos elementos; origem e princípio dos tempos; divindade suprema; rainha dos mares; primeira entre os habitantes do céu; governadora dos mais altos pontos luminosos do céu; governadora dos silêncios solitários dos infernos; poder único; venerada com os mais diferentes ritos; chamada por múltiplos nomes: mãe dos deuses; deusa de Pessinonte pelos Frígios; Minerva pelos atenienses autóctones; Vênus Pafiana pelos cipriotas banhados pelo mar; Diana Dictina pelos cretas portadores de flechas; Prosérpina Estigiana pelos sicilianos trilingües; Ceres Acteana pelos habitantes do Elêusis; ainda Juno por uns, Belona por outros, por estes Hécate, por aqueles *Rammúsia*. "Mas os egípcios e os etíopes chamam-me pelo meu verdadeiro nome: Ísis" (*Met.*XI, 5).

A TRAVESSIA DE LÚCIO E A VOLTA DE LÚCIO

Muitas obras literárias são desenvolvidas mostrando uma viagem em busca de algo, orientada por um ser superior ou movida por uma vontade, por uma procura.

Podemos citar, entre outras:

A busca do santo Graal; a busca do Eldorado; a procura da fonte da juventude;

a busca da terra prometida;

a *Odisséia*, para a volta a Ítaca;

a *Eneida*, para a procura da terra onde se iniciaria a nova raça.

Também a obra *Metamorfoses*, de Apulcio, é uma busca. Com uma pequena diferença, todavia: os outros têm um ponto marcado onde chegar; Lúcio, não. Basta que ele encontre rosas ou roseiras floridas.

Quando ocorreu o engano, logo no início e Lúcio se transformou em asno, ele não se tinha informado sobre o que fazer para voltar a ser homem, mas ouviu quando a bela moça, Fótis, disse: "o remédio não é difícil; logo ao amanhecer irei procurar rosas; basta que ele coma pétalas".

Mas, antes que tivesse chegado a manhã, chegaram os ladrões e lá se foi Lúcio em forma de burro, sem ter comido pétalas de rosa.

E é a partir daqui que vamos ver o asno na sua viagem, tendo sempre em mente a desesperada procura de rosas

Por duas vezes Lúcio deparou com rosas ou flores parecidas. Na primeira vez, conforme lemos no livro III – 29, ele não ousou aproximar-se da roseira florida, pois pensou: "se comesse as rosas, voltaria à forma humana e, diante dos ladrões, isso pareceria uma coisa diabólica". Ele seria tomado por um mago, feiticeiro e, por que não dizer, por um lobisomem (um *Versipelles*) e o castigo não demoraria a vir.

Outra oportunidade: ele chegou com os ladrões a um pequeno vilarejo, onde os bandidos se puseram a conversar com pessoas que pareciam amigas. Houve até troca de presentes que o burro – Lúcio – julgou que fossem fruto de roubo, pois isso eles faziam cochichando entre eles.

Os animais foram aliviados das cargas e deixados a pastar livremente. Atrás da cabana dos ladrões havia uma horta. A fome, a falta de costume de comer feno, fizeram com que, em três tempos, ele devorasse um bom tanto de hortaliças, enquanto procurava pelos arredores, quem sabe?, uma roseira. O lugar era propício: longe da estrada, atrás de pequeno arvoredo, escondido. Se ele achasse o remédio... Ele estava, assim, nesse oceano de fantasia, quando, maravilha! avistou uma planta florida, flores rosa-vivo, alegres, convidativas. Uma prece ao deus do Sucesso, uma corrida e ele estaria salvo. Mas que desilusão! Chegado junto à planta, não foram rosas frescas e orvalhadas que ele viu. Por pouco não se intoxicou, pois a planta não era outra senão o loureiro-rosa, planta a que chamamos es-

pirradeira, cuja seiva leitosa é terrível veneno para os olhos e as folhas tóxicas para os animais que as comem.

Há toda uma arquitetura, toda uma progressão ontológica até as rosas encontradas com o sacerdote, a partir dessas duas rosas tentadoras e que nós tentaremos explicar, descrevendo a viagem de Lúcio.

Somente a escolha da rosa como antídoto da metamorfose já é reveladora e nos leva a uma interpretação simbólica: conhece-se a riqueza do símbolo da rosa como de outras flores.

É interessante ver a rosa associada à personagem mitológica de Adônis e, portanto, a um belo mito de morte e de ressurreição. Enquanto Adônis morre, ferido pelo javali, nascem as rosas brancas e anêmonas que se pintam com o seu sangue e com o de Afrodite que se fere nos espinhos.

À primeira vista, parece não haver viagem, travessia, pois as peripécias de Lúcio parecem um amontoado de tribulações e aventuras, sem um fio diretor perceptível. As situações são variadas, às vezes contraditórias; Lúcio troca sempre de patrão e isso lhe modifica a situação; é brutalizado aqui, maltratado ali, ameaçado de perder a vida, e isso quase aconteceu quando ele por pouco não foi assado no lugar de um cervo; trabalha para um moleiro, acionando as rodas pesadas, padece nas mãos de um jardineiro, tem alguns dias felizes nas mãos de um padeiro, cuja especialidade era pão-de-mel.

Além desses episódios, há inúmeros outros que são histórias dentro de histórias, formando uma fábula milésia e esse errar pelo mundo jamais pareceria um trajeto com um fio determinado, orientado.

Se nas outras obras há percalços e tribulações que devem ser transpostos para que o herói cumpra seu destino, nas *Metamorfoses* o que move Lúcio é a curiosidade, é sempre a busca do que está à frente, levado por uma reação puramente instintiva e não em função de uma espiritualidade, de uma ordem recebida.

Lúcio queria ser um pássaro, isto é: através desse sonho de vôo, ele queria atingir imediatamente uma forma de sublimidade, sem tê-la merecido e sem iniciação. Ele se acha um asno, isto é: através desse animal, humilhado, simbolicamente fechado numa forma rudimentar e desvalorizada da vida. É como se ele postulasse e tentasse partir para o sublime – o vôo – e caísse no castigo – o asno –, por não ter passado pela iniciação.

Na nossa análise vimos, com um pouco de certeza, que, nas *Metamorfoses*, a viagem ou o trajeto não toma a forma orientada que aparece nas outras obras; ela transcreve uma forma de evolução, pois Lúcio percorre um itinerário depois de uma queda na animalidade até a promessa de redenção no livro XI.

Pela história de Lúcio, temos claramente a idéia, comum em todos os esquemas iniciáticos, que o ser deve amadurecer para evoluir. As qualidades que lhe são necessárias para isso, ele não as pode adquirir, a não ser através de provas e experiências pessoais.

Existem ensinamentos (como é o caso da iniciação aos mistérios de Ísis, no livro XI), mas eles não podem germinar e desenvolver-se num terreno pronto, devidamente preparado, para aceitá-los.

É todo o significado do sofrimento de Lúcio: não haverá economia de provas para Lúcio trocar aquele descabeçado rapaz dos dois primeiros livros e tornar-se o homem cheio de sabedoria do iniciado aos mistérios de Ísis.

Se em algumas obras as provas ocupam as primeiras passagens, nas *Metamorfoses*, com exceção do conto de Psique e Cupido, elas se espalham por toda a obra. Essa diferença provém da importância dada a essas provas necessárias para a manutenção do herói: se um obtém seu ápice através de umas poucas grandes provas, outros as têm simples, mas que se estendem por toda sua vida. A sucessão de boas e más situações é imprevisível, reproduz todas as possíveis que a vida oferece e que Lúcio deve esgotar.

Ele procura diferenciar-se cada vez mais da bestialidade física ou moral que o envolve; ele é sensível; ele percebe que aqueles que o tratam, tratam-no cada vez melhor. O humano que emerge daquele disfarce animal, não tem mais tanto em comum com o Lúcio de outrora.

É, então, que a noite o surpreende solitário, na praia de Cêncreas e aí se opera um fato mais importante do que a transformação em asno: no seu sonho vai ocorrer-lhe a revelação de Ísis.

Lúcio cumpriu laboriosamente a parte catártica de sua iniciação. Ele fez parte de seu caminho mostrando-se obediente às ordens do destino.

Falta-lhe, agora, comer as pétalas de rosa. Ele não terá trabalho para encontrá-las. É a recompensa e todo o trabalho passado ou vivido. Ele mesmo não acredita, mas tem a confirmação por parte da deusa. Uma cesta de rosas ser-lhe-á oferecida, por assim dizer, por um sacerdote, na procissão que ocorreria no dia seguinte. Diz-se oferecida, pois o sacerdote com o cesto de pétalas, virá em sua direção e não achará ruim quando o asno começar a comê-las. A deusa diz: "não tenhas medo; rompe por entre o povo; ninguém se horrorizará, mas lembra-te de que, até o final de tua vida, terás um compromisso para comigo"

Há a descrição da procissão, de todos que dela participam. Depois da longa enumeração dos participantes, o sacerdote que vem em direção do asno, oferecendo o cesto de flores. Logo que o vê, o asno avança.

Ele descreve a sua transformação, agora em ordem inversa, descreve o seu estupor; pede um tecido de linho para se cobrir.

Vimos, então, uma terrível, mas necessária desintegração do herói, ponto preliminar para a sua reconstrução ontológica.

POR QUE ASINVS AUREVS?

R. Martin, na *Revue des Etudes Latines*, 1970, p.332, diz que na *Metamorfose* temos uma viagem, bem como uma idéia de alquimia

Participando de estados regressivos, caminhando e recebendo, às vezes, revelações superiores, Lúcio, que representa a psique humana, chega a conhecer possibilidades inerentes à sua condição.

É o sentido das peripécias, no final das quais Lúcio chega a uma forma de decantação, uma verdadeira metamorfose.

Diz o autor que *aureus*, em latim, pode muito bem significar: ruço, avermelhado.

A cor avermelhada era a cor detestada pelos fiéis de Ísis. Se o autor lhe deu a cor ruça, avermelhada, ele queria ter, já na cor, o que, para os fiéis de Ísis, era a representação dos pecados e das forças do mal.

Portanto, o próprio título do livro já traz uma significação ontológica, participa de uma natureza afastada de Ísis, um ponto de perfeição, para quem a psique humana quer dirigir-se.

Essa ambivalência é notavelmente mostrada pela do termo *aureus*: tomado no significado de ruço, avermelhado, ele representa um estado inicial, regressivo; mas, se lhe damos a importância da matéria e não da cor, o ouro encontra seu estado sublimado de luz que se torna fim simbólico e em direção do qual volta a busca da alquimia: a busca da perfeição.

Muitas imagens fundamentais de *Metamorfoses* são assim bipolarizadas.

A luz, símbolo bastante importante nessa procura, carrega-se dessa ambivalência em vários pontos; há, nas *Metamorfoses*, uma verdadeira e uma falsa luz. Esta é a ruim, artificial, emitida pela lâmpada de Psique (V 20, 21, 23) ou pela de Panfiléa definida já pela sua natureza como ruim. É Milão, marido de Panfiléa, que diz: "é uma sibila famosa... com essa lâmpada ela observa tudo o que se passa no céu como se fosse um laboratório".

Há, depois, a luz verdadeira e boa, quer ela se irradie do próprio Amor (*met.* VI, 13, 21), quer ela se irradie da deusa Ísis: "Em plena noite, vi o sol brilhar como uma luz branca" (*Met.* XI 3, 10).

Encontramos, ainda, bivalência no próprio nome de Fótis, que por sua etimologia, significa o mesmo que Lúcio: luz. A irradiação que provém de Ísis – e da qual o nome do iniciado é como um reflexo – brilha tão forte que eclipsa as luzes imperfeitas ou maléficas como a de Psique ou de Panfiléa.

Também existe um bom uso da luz, o que presta homenagem à deusa; e outro que procura desvendar seus mistérios sem o devido preparo ou contrapor-se a seu poder: é através dessa complementaridade de símbolos aparentemente opostos que se exprime, nas *Metamorfoses*, a mensagem de ÍSIS.

BIBLIOGRAFIA

BAYET, J. *La Religion romaine*. Paris, 1969.

FERGUSON, J. *The Religions of Roman Empire*. Ithaca, New York, Cornell Univ. (1976).

GRIMAL, P. *La civilisation romaine*. Paris, Arthaud, 1974.

THOMAS, J. *Le dépassement du quotidien*. Paris, Les Belles Lettres, 1986.

RÉSUMÉ: Pour expliquer pourquoi l'écrivain latin Apulée a donné à son chef-d'oeuvre le titre de *L'Ane d'Or*, (*Asinus Aureus*), l'auteur comment le rôle exercée par la déesse Isis dans la destinée de Lucius, le principal protagoniste, et montre que, comme dans d'autres livres de l'antiquité greco-romaine, c'est une recherche qui est contée, recherche qui culmine avec l'initiation du jeune personnage aux mystères de la déesse égyptienne qui lui restitue sa forme humaine (Lucius avait été transformé en âne). Ce thème mythico-religieux est discuté à travers de nombreuses références au panorama socio-politique et culturel de la Rome cosmopolite de l'époque d'Apulée, qui avait importé et donné abri à un certain nombre de divinités étrangères, comme Isis justement, et maintenant les rejetait, dans l'intention de redonner vie au panthéon traditionnel.